

Limpar palavras da nossa terra¹

A importância da literatura popular tradicional portuguesa
na obra de João Manuel Ribeiro

Jorge Teixeira²

No tapete mágico das palavras, o poeta conduz-nos até lugares imaginários, imprevistos.

José António Gomes, *Conto estrelas em ti*

Introdução

João Manuel Ribeiro³ publicou o seu primeiro livro em 2002. Este foi um livro de poesia para adultos. No entanto, nos últimos anos, tem-se dedicado intensamente à literatura para crianças e jovens, contando já com perto de 40 títulos publicados. Concomitantemente, tem realizado um trabalho de dinamização da literatura em escolas básicas, quer através de oficinas de escrita criativa, quer através de encontros com alunos nos quais fala sobre os seus livros e diz/*canta* poesia⁴.

O presente trabalho pretende analisar a importância da literatura popular tradicional nas obras para crianças e jovens escritas por João Manuel Ribeiro.

Efetivamente, o autor parte inúmeras vezes de textos da cultura popular e tradicional para criar os seus próprios textos.

Este trabalho irá percorrer um conjunto de géneros do discurso presentes na obra do autor em estudo: adivinha, provérbio e outros géneros que se enquadram na tipologia textual da poesia.

Para a realização deste trabalho deveremos considerar o facto de os textos populares tradicionais orais precederem os textos escritos.

¹ *O Limpa-palavras* é o título de um poema de Álvaro Magalhães editado na coletânea de poesia para a infância *Conto estrelas em ti*, organizada por José António Gomes e editada pela Campo das Letras.

² Este trabalho foi realizado no âmbito da disciplina de *Teoria do Texto*, do mestrado em estudos editoriais, da Universidade de Aveiro.

³ Mais informações sobre o autor em <http://www.joaomanuelribeiro.net/>.

⁴ No blogue do autor (<http://andancasdopoeta.blogspot.pt/>), podemos constatar este tipo de trabalho.

Já nos textos de João Manuel Ribeiro o processo segue o percurso inverso, sendo que a leitura em voz alta assume particular relevância, sobretudo no enquadramento do jogo, fundamental nestes textos «descendentes» da tradição portuguesa.

1. A adivinha

João Manuel Ribeiro recupera, nas suas obras, o género da adivinha. Numa altura em que os jogos de computador e as novas tecnologias ganham terreno às atividades sociais, o autor propõe a redescoberta da adivinha enquanto lugar de encontro e de *frente a frente* construtivo. O poeta dá a este género do discurso um lugar de destaque, revelando qualidades que invalidam o desprezo a que estava vetado (cf. Saraiva, 1998: 1).

João Manuel Ribeiro publicou, em 2009, *Alfabeto de adivinhas* e, em 2012, *365 adivinhas sem espinhas*. Em *Algazarra de versos* (2010), inclui também duas adivinhas. Nestes três livros, encontramos um conjunto de textos originais com características que vão ao encontro das da adivinha popular portuguesa.

A adivinha é um texto curto que, através de um sujeito enunciador, procura fazer o recetor pensar e refletir para que possa chegar à resposta, a qual se encontra contida no próprio enunciado, ainda que de forma cifrada e encoberta (cf. Nogueira, 2004: 328).

Este desafio da adivinha, muito comum sobretudo na infância, aparece como um jogo do qual ninguém quer sair derrotado. Daí que o desafiador procure sobretudo, por meio de um conjunto de meios linguísticos, esconder a resposta do desafiado. A este cabe estar atento desde o início da enunciação, a fim de que nada lhe escape. Só desta forma conseguirá ter mais hipóteses de chegar à resposta correta.

Para possibilitar que o desafiado possa chegar à solução da adivinha, esta integra habitualmente sequências descritivas. Na adivinha popular, estas sequências podem ser formadas por autodescrição ou por heterodescrição. João Manuel Ribeiro usa a autodescrição. Assim, o autor recorre inúmeras vezes à antropomorfização, apresentando o sujeito poético as suas características,

surgindo os verbos e os pronomes na primeira pessoa, como comprova o seguinte exemplo⁵:

72

*Tenho pela água uma paixoneta,
mas com ela não me misturo.
Vivo encerrado numa galheta,
a nossa relação não tem futuro.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: azeite.

Menos habitual é a autodescrição negativa, como o exemplo que, de seguida, se apresenta:

79

*Ninguém me conhece,
Não tenho corpo ou pertença,
Escondo-me no que fenece
E chego sem pedir licença.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: morte.

Ao nível da estrutura, João Manuel Ribeiro abdica da introdução (ex.: *O que é que é*) e da conclusão (ex.: *Não adivinhas não*) da adivinha popular, centrando o seu texto na mensagem enigmática, a qual apresenta os elementos para a solução, bem como os elementos para uma aparente desconstrução, essencial para tornar o jogo desafiador.

Na verdade, as adivinhas do autor mais entusiasmantes são aquelas nas quais o autor vai mais longe no encobrimento, uma vez que acaba por requerer aos seus leitores, de forma mais profunda, aquilo que exigem as adivinhas populares: um profundo conhecimento social, cultural e linguístico. Podemos, pois, como refere Arnaldo Saraiva (1998: 5), verificar

⁵ Nas citações das adivinhas, apresentar-se-á a letra do alfabeto a que se refere a adivinha (*Alfabeto de adivinhas*) e o número da adivinha (*365 adivinhas sem espinhas*) para facilitar a pesquisa nos livros, uma vez que estes não são paginados.

(...) o alcance pedagógico ou o papel educativo que pode desempenhar em favor da relação das pessoas com os mundos ou em favor do trabalho da imaginação e da inteligência em face desses mundos.

Vejamos um exemplo do que referimos, partindo do conhecimento cultural:

7

*Desde uma fábula antiga,
não gosto de tartarugas.
Tudo porque há quem diga
Que a preguiça não tem rugas.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: lebre.

Esta adivinha demonstra a impossibilidade de um desafiado chegar à solução da mesma, se não conhecer a fábula de Esopo.

Obviamente que temos de considerar que as adivinhas de João Manuel Ribeiro são escritas e, portanto, não pertencem à cultura oral. No entanto, as mesmas seguem (podem seguir) o percurso inverso da adivinha popular. Se esta era de autor anónimo e circulava oralmente entre o povo, com as suas adivinhas o autor pretenderá que, após a sua leitura, as adivinhas possam ser repetidas e lançadas em desafio a um qualquer interlocutor. Este processo tenderá mesmo a que se criem variantes das adivinhas escritas do escritor em estudo. O livro surge aqui, pois, como ponto de partida para a interação oral entre, por exemplo, dois amigos no recreio da escola. E se, primeiramente, o leitor das adivinhas é desafiado pelo sujeito poético, após a aquisição do conhecimento (a solução da adivinha), o mesmo passará a desafiador, uma vez que é detentor desse conhecimento que o desafiado poderá (ainda) não ter. Realce-se o facto importante de as soluções (com exceção de *Algazarra de versos*) estarem só no final dos livros, o que acaba por motivar para a descoberta e para o desafio (cf. Nogueira 2004: 334).

Na verdade, João Manuel Ribeiro tem bem presente a potencialidade e o interesse pedagógicos que a adivinha proporciona aos seus leitores (sobretudo

aos mais novos, o seu público-alvo): o desenvolvimento da inteligência, da linguagem e da imaginação. O autor proporciona, de uma forma lúdica, uma aprendizagem profunda aos seus leitores. E se, em *365 adivinhas sem espinhas*, temos uma referência a um jogo que remete para a duração de um ano (uma adivinha por dia), em *Alfabeto de adivinhas* temos a aprendizagem do alfabeto bem presente, com uma adivinha para cada letra.

Do ponto de vista temático, servirá de referência a divisão por temas elaborada por Carlos Nogueira (cf. 2004: 335).

Na seguinte tabela, os temas populares das adivinhas e aponta-se um exemplo para cada um dos temas.

Tema	Exemplo
Natureza.	<p>Z</p> <p><i>Seja de noite ou de dia, pareço um cavalo de pijama. Vivo no zoo com alegria e nunca me deito na cama.</i></p> <p>(Solução: zebra.)</p>
Religião. Sobrenatural.	<p>25</p> <p><i>Tenho asas e não sou ave, tenho corpo e não sou gente. Chamam-me se o caso é grave. Há quem diga que me sente.</i></p> <p>(Solução: anjo.)</p>
O homem, o seu corpo, a sua idiosincrasia e a sua relação com o meio. A família.	<p>112</p> <p><i>Longe da mão, perto da meia, cansado, nunca estou sentado; não me mexo bem na areia e do frio me quero resguardado.</i></p> <p>(Solução: pé.)</p>
A casa. Objetos de uso doméstico. Ferramentas e aparelhos.	<p>M</p> <p><i>Gosto de aventura! Se a caminhada é dura, As costas faço doer, Se não vou, custa sobreviver!</i></p> <p>(Solução: mochila)</p>
Alimentos transformados.	<p>120</p> <p><i>Não tenho coroa nem trono, meu manto é de especiarias, de fava também não sou dono, meu reinado é entre iguarias.</i></p> <p>(Solução: Bolo-rei.)</p>
Problemas verbais e problemas numerais.	<p>269</p> <p><i>Um número estranho sem qualquer valor;</i></p>

	<i>o nada é meu tamanho, mas tiro e dou, sim senhor.</i> (Solução: zero.)
--	----------------------------------------------------------------------------------

Do ponto de vista do tema, concluímos que a maioria das adivinhas de João Manuel Ribeiro se enquadra na temática das adivinhas populares. No entanto, se analisarmos ao nível dos subtemas, iremos encontrar adivinhas que não estão já no âmbito estritamente popular e tradicional, uma vez que não dizem respeito ao mundo rural típico da adivinha popular. O poeta adapta as suas adivinhas aos dias de hoje. Os seus leitores/desafiados já não são exclusivamente de mundos rurais; são os meninos e as meninas de uma sociedade plural e cada vez mais tecnológica. Na verdade, o recurso a subtemas urbanos ou tecnológicos serve para aproximar os leitores deste género textual, bem como das adivinhas populares. Comprovando o que aqui se refere, tomem-se como exemplos as seguintes adivinhas:

62

*Outrora, vivia em casa apenas,
comunicando de lá pra ali.
Hoje, vivo em bolsas pequenas
E tenho o mundo todo p'ra ti.*

(365 adivinhas sem espinhas)
Resposta: telefone/telemóvel.

305

*Emigrado da orelha ou dedo,
sou um anel ou brinco,
mostro-me sem qualquer medo,
mas com orgulho e afinco.*

(365 adivinhas sem espinhas)
Resposta: piercing.

Nas adivinhas dos três livros referidos, João Manuel Ribeiro usa também um conjunto de estratégias linguísticas, a fim de tornar este jogo de adivinhação ainda mais desafiante.

Efetivamente, diversas adivinhas recorrem à comparação, a qual, na verdade, mais do que ajudar a identificar a resposta, acaba por levar o leitor desafiado para outros mundos, dificultando a sua procura e fazendo-o divergir ao nível da interpretação. Vejamos os seguintes exemplos:

L

*Redonda como a Lua
ou em gomos de comer,
sou doce e dou-me crua
a quem assim me quiser.*

(Alfabeto de adivinhas)

Resposta: laranja.

11

*Pirilampos parecemos
lá no céu alto e escuro;
de noite nos entretemos
a desenhar-te o futuro.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: estrelas.

Para além da comparação, o autor usa ainda um recurso muito comum na adivinha popular: o paradoxo. Este, dando pistas ao desafiado, acaba por imbuí-lo ainda mais na dificuldade do jogo, presente na aparente contradição apresentada:

25

*Tenho asas e não sou ave,
tenho corpo e não sou gente.
Chamam-me se o caso é grave.
Há quem diga que me sente.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: anjo.

Os recursos que aproximam as adivinhas de João Manuel Ribeiro da adivinha popular, não se esgotam na comparação e no paradoxo. Na verdade, nas adivinhas do autor encontram-se ainda metáforas, jogos de palavras, e onomatopeias.

Na obra de João Manuel Ribeiro, há ainda adivinhas que têm forma narrativa, seguindo de perto a estrutura do conto; contam-nos uma breve história, contemplando as categorias da narrativa (personagem, ação, tempo e espaço):

9

*De dia percorremos caminhos,
se quietos protegemos o pé;
de noite ficamos sozinhos
e arejamos, pois sim, o chulé.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: sapatos.

O humor e o cômico estão também bem presentes nas adivinhas do autor, tornando-as mais apetecíveis aos leitores, permitindo ainda uma aproximação dos interlocutores na dinâmica do desafiado-desafiador:

171

*Às vezes alçado,
às vezes tremido,
às vezes pontapeado,
às vezes com ruído.*

(365 adivinhas sem espinhas)

Resposta: rabo.

Sob o ponto de vista da forma, João Manuel Ribeiro usa sempre o verso. Todas as suas adivinhas são quadras, composição popular por excelência. Estamos, pois, perante o tradicional texto curto das adivinhas.

Nestas adivinhas, encontramos uma métrica irregular, enquanto que, na adivinha popular, temos quase exclusivamente a redondilha.

Todas as adivinhas do autor em estudo têm rima; predominam os esquemas rimáticos *abab* e *abcb*, embora possamos também encontrar *aabb*, *abba* e *abcc*.

Na verdade, o *adivinhanceiro* de João Manuel Ribeiro promove no leitor-desafiado um profundo enriquecimento, motivado pelo envolvimento com a cultura, com a língua, com a sociedade em redor e ainda com o mundo de hoje.

2. O provérbio

João Manuel Ribeiro publicou *(Im)provérbios* em 2008 e incluiu seis provérbios em *Algazarra de versos*.

Definir provérbio não se apresenta uma tarefa fácil, pois não se encontra uma definição e uma caracterização comum do mesmo (cf. Funk, 1995: 75). Assim sendo, ao longo desta parte do trabalho, apresentar-se-ão algumas das características relevantes para o estudo dos referidos textos de João Manuel Ribeiro.

O autor promete desde o título — *(Im)provérbios* — uma perspetiva diferente do provérbio popular, com a inclusão do prefixo *im-*, o qual indica negação. Assim, João Manuel Ribeiro compromete-se a negar, alterar, recriar o sentido do provérbio popular. Com os seus *improvérbios* promove um olhar diferente. Temos, pois, uma nova visão perante a realidade e perante o provérbio da tradição.

Este género do discurso tem a particularidade de ser facilmente reconhecido por qualquer leitor/ouvinte, até porque é usado com regularidade. Os *improvérbios* de João Manuel Ribeiro, contendo em si referências ao texto original (hipotexto), «exigem» que o leitor/ouvinte (re)conheça o sentido cultural do provérbio popular para melhor compreender a mensagem do «novo provérbio» (hipertexto). Em *(Im)provérbios*, a hipertextualidade traduz-se numa relação de transformação, com recurso recorrente à paródia, de regime lúdico e, por vezes, satírico.

No provérbio, encontramos um conselho ou uma mensagem admoestadora e didática. Este acaba, por isso, por assumir-se como uma verdade geral (ainda que dependente do contexto), marcada por uma experiência e uma

sabedoria profundas. Evidentemente que esta verdade tem relevância numa cultura específica. Não significa, contudo, que o provérbio seja infalível, até porque o mesmo é fruto da experiência do dia a dia e não da ciência. João Manuel Ribeiro ainda que, alterando e reinventando os provérbios, continua a fazer dos seus *improvérbios* meios de transmitir conselhos e de fazer chamadas de atenção, como neste caso no qual o autor parece dar continuidade ao provérbio popular:

Em terra de cegos, quem tem um olho é rei.

(provérbio popular)

*Em terra de reis,
nem um olho
vale ao cego.*

(*improvérbio*)

Sendo o provérbio, como refere Moisés Espírito Santo (1986: 49), «um conselho, uma sugestão, uma regra prática, que deixa ao indivíduo toda a liberdade de a seguir ou não», João Manuel Ribeiro propõe uma outra «verdade» — a sua — na qual os valores são alterados, oferecendo-nos muitas vezes a perspetiva de um outro sujeito envolvido no provérbio popular. Este exemplo mostra-nos ainda algo relevante no que diz respeito aos provérbios: a ordem habitual da língua (SVO) é alterada trazendo-se para primeiro elemento o que se pretende destacar. Nos *improvérbios*, João Manuel Ribeiro este aspeto é bem notório. Podemos confirmá-lo no seguinte exemplo:

Depois da tempestade, vem a bonança.

(provérbio popular)

*Depois da bonança
a tempestade nunca é mansa.*

(*improvérbio*)

Partindo dos provérbios da tradição, o autor cria, nos novos textos, uma mundividência e um conjunto de valores mais positivos e otimistas do que os originais. Vejamos:

Quem tem filhos, tem cadilhos; quem não os tem, cadilhos tem.

(provérbio popular)

*Quem filhos tem
não tem só cadilhos,
tem brilhos
também.*

(*improvérbio*)

No provérbio popular, temos uma verdade que parte do mundo empírico; nos *improvérbios*, temos uma proposta para uma vida mais feliz assente em valores como o amor, a família, a amizade:

Mais vale só do que mal acompanhado.

(provérbio popular)

*Mais vale
nunca só
nem mal acompanhado*

(*improvérbio*)

Enriquecedor dos textos de João Manuel Ribeiro é o humor. Presente em boa parte da sua obra, aqui é também notório:

Quem tem boca vai a Roma.

(provérbio popular)

*Quem tem boca vai
Onde a língua lhe chegar.*

(*improvérbio*)

Do ponto de vista formal, o provérbio é breve, muitas vezes um verso ou pouco mais do que isso. João Manuel Ribeiro mantém estas características. O poeta usa o verso, recorrendo a dísticos, tercetos, quadras, quintilhas e sextilhas. Neste caso, a rima, tantas vezes presente no provérbio popular, torna-se, do ponto de vista formal, facilmente observável pelo leitor.

Em *(Im)provérbios*, o poeta opta, na generalidade dos casos, por uma formulação impessoal muito comum nos provérbios populares, a qual ajuda a traduzir a ideia de verdade geral:

A mulher quer-se como a sardinha: pequenina.

(provérbio popular)

*A mulher, como a sardinha,
Quer-se boa e saborosa
e só depois pequenina.*

(improvérbio)

No provérbio popular, usa-se o presente do indicativo, característica que João Manuel Ribeiro mantém, traduzindo um valor atemporal.

Obviamente que, ao contrário do provérbio da tradição, o anonimato do autor não é uma característica dos textos em estudo.

3. A poesia popular tradicional

3.1 O trava-línguas

O trava-línguas é outro dos géneros populares do discurso que João Manuel Ribeiro recupera na sua obra. O autor publicou inúmeros trava-línguas, os quais estão presentes em *Solettra a letra*, *Encrava-línguas* e *Algazarra de versos*, obras de 2010.

Em *Solettra a letra*, João Manuel Ribeiro recorre, novamente, ao género do alfabeto. Desta forma, o autor possibilita a aprendizagem do mesmo de uma

forma lúdica⁶. Assim, vamos encontrar fortes assonâncias nas quadras de cada uma das vogais. Veja-se o exemplo do A:

*A águia pousou a sua asa
na asa do afamado gavião:
assim se fez a azarada casa
destas aves, casadas então.*

(Soletra a letra)

Por sua vez, nos poemas de consoantes encontramos aliterações. Tome-se como exemplo o C:

*Com cana não caça o caçador,
a cana é caçadeira de pescador.
Cada coisa casa com seu caso,
se à confusão não deres azo.*

(Soletra a letra)

Estes dois recursos expressivos (assonância e aliteração) assumem-se como fundamentais nos trava-línguas populares e nos de João Manuel Ribeiro, uma vez que trazem a dificuldade e o desafio de pronúncia tão característicos. Aliás, este preceito da dificuldade de pronúncia destes textos está bem presente no título de uma das obras do autor: *Encrava-línguas*. Para além deste aspeto, estes mesmos recursos muito contribuem para o ritmo e a musicalidade fundamentais neste género de texto.

Relembremos a definição de trava-línguas, segundo Leffa (2004):

O trava-línguas, em sua forma mais simples, é uma sucessão de sons semelhantes, geralmente difíceis de serem reproduzidos, quando pronunciados rapidamente.

Perante estes textos, o leitor/enunciador procurará dizê-los rapidamente e sem erros, aumentando a cada leitura ou enunciação a velocidade, a fim de que

⁶ É fundamental termos presente o currículo académico em ciências da educação do autor em estudo, sobretudo no que diz respeito à poesia na escola.

o desafio seja mais elevado, bem como o gozo do (in)sucesso. Estes trava-línguas surgem, pois, como desafio a uma leitura, sobretudo em voz alta.

É ainda importante constatar, como refere Francisco Topa (2000: 445), que, no que diz respeito aos trava-línguas, existe:

Perplexidade perante o prazer da palavra, perante a utilização quase gratuita — e livre — da linguagem, num jogo que parte sobretudo das estruturas fonológicas da língua e que, aproveitando as suas ambiguidades, nos confronta com o sentido do nonsense [...].

Na verdade, estamos perante a valorização da forma em detrimento do conteúdo. Este aspeto é facilmente comprovável ao verificar-se a presença do referido *nonsense* em inúmeros trava-línguas de João Manuel Ribeiro, como se constata no seguinte exemplo:

Pois

*Se pões o pois
depois do pois
não contrapões,
mas só apões
e dispões.*

— *Pois, pois!*

(*Encrava-línguas*)

Contribuindo para este investimento nos aspetos sonoros e livres da língua, encontram-se nos *encrava-línguas* mais um conjunto de recursos os quais se assumem, nas palavras de Carlos Nogueira (2007), como:

Constituintes vitais do material poético, a sonoridade dos vocábulos e o sistema rítmico-métrico produzem uma linguagem singular, lúdica dispensando o sentido referencial e lógico.

A onomatopeia promove fortemente esta componente do jogo do trava-línguas, apoiando-se no som das palavras, como se constata no exemplo seguinte:

Triunfumfices

*Um,
furufumfum.
Dois,
triunfunfois.
Três,
misericuntês.*

*Três, dois, um
furufumfum.
Um, três, dois,
triunfunfois.
Um, dois, três
misericuntês.*

(Encrava-línguas)

Encontramos ainda a paranomásia, a qual promove também este jogo de sonoridade semelhante:

Algazarra

*Com garra
agarra
a algazarra.*

*Com garra
amarra
a parra.*

Com garra

*agarra
e amarra
a parra
em algazarra.*

(Algazarra de versos)

Os *encrava-línguas* de João Manuel Ribeiro apostam forte na perspetiva lúdica, mas contribuem também fortemente para a aquisição da linguagem, bem como para a iniciação à poesia, pois, como refere, Adolfo Coelho (1919: 86) «O jogo é [...] o instrumento de que a pedagogia tem que se servir nas primeiras fases da educação.»

3.2 Lengalengas

No âmbito dos textos enquadrados nas rimas infantis, nas quais o jogo se assume como «momento privilegiado de concretização do cancionero infantil» (Nogueira, 2007), não se podem esquecer as lengalengas.

Nestas assumem particular destaque o ritmo e a rima, bem como a frase curta, que contribuem fortemente para a memorização do texto. Para além destas características, é relevante o papel pedagógico das lengalengas, uma vez que estas contribuem fortemente para que a criança seja capaz de produzir os fonemas incluídos nestes textos. Vejamos como exemplo um excerto de um poema:

***A triste princesa
gata siamesa***

*É uma princesa,
a gata siamesa.
Come em mesa,
com vela acesa,
sopa e sobremesa.
Dorme em marquesa,
azul-turquesa,*

sem insónia ou surpresa.

(Poemas da bicharada: 27)

3.3 Outros poemas

Na obra de João Manuel Ribeiro, encontram-se mais textos nos quais podemos observar a influência do cancionero popular. Na verdade, estes são claramente marcados pelo mesmo plano rítmico e musical, mas também pelo plano temático.

Assim, do ponto de vista formal, podemos destacar o romance tradicional e a quadra popular, recorrendo o autor tendencialmente à redondilha maior e menor e à rima, sendo o esquema rimático mais presente *abab*. Podemos encontrar diversos exemplos da quadra popular em *Reis & reinetes, damas & valetes*.

Do ponto de vista temático, estamos perante conceitos de vida, assumindo as personagens criadas pelo poeta a forma antropomorfizada a partir de defeitos da pessoa humana (exs.: *O Senhor Picuinhas; A Dona Lambisgóia*). Esta característica promove um forte sentido humorístico aos poemas, permitindo que a aprendizagem dos valores humanos intemporais (com recurso aos contravalores) seja profundamente lúdica. Tomemos como exemplo uma quadra do poema *O caloteiro*.

*Prego bem, prego calotes
a este e àquele lojista.
Por tantos e tais dotes,
tomam-me por vigarista.*

(Reis & reinetes, damas & valetes: 23)

Na verdade, na obra de João Manuel Ribeiro temos uma linguagem que se adapta aos novos tempos, no entanto mantêm-se muito mais características formais para além das já referidas. Assim, encontramos, por exemplo, o diálogo:

Marinheiro

*Onde vais, marinheiro,
nessa casca de noz?
— Vou pra longe, mar alto,
emprestar ao vento a voz.*

(Cantilenas loucas, orelhas roucas: 51)

Vamos ainda encontrar do ponto de vista formal a presença do refrão, como no excerto seguinte:

Quem quiser, vá lá por ela

*A Menina Manuela
está em Mirandela.
Quem quiser, vá lá por ela.*

*A Menina Anabela
está em Tondela.
Quem quiser, vá lá por ela.*

(Cantilenas loucas, orelhas roucas: 11)

Tematicamente, deparamo-nos com muita diversidade, no entanto, o poeta não foge aos temas do cancionero popular. Desta forma, para além dos temas já referidos, o amor acaba por assumir papel de destaque. Ainda do ponto de vista do universo temático há a considerar que este passa sobretudo pelo mundo rural, tão próximo do mundo popular, tal como neste exemplo:

Peneirinha

*Peneirinha, peneirai
as pedrinhas do coração,
tirai-as da menina (ai, ai)
lançai-as para o chão.*

(Poemas para brincar)

Conclusão

Na obra de João Manuel Ribeiro analisada, temos sempre como referência permanente a literatura popular tradicional. Este é um dos méritos da obra deste autor: o (re)despertar a curiosidade e a *nossa* memória para a literatura popular, enquanto património, mostrando que, embora ainda muito marginal/izada (cf. Saraiva, 1975), não deve ser posta nessa margem esquecida.

Todo este processo não abdica de originalidade, humor e graça, abdicando a língua do utilitarismo do dia a dia e ganhando múltiplos sentidos, que enriquecem os diversos textos.

Tal como esta literatura, a obra de João Manuel Ribeiro promove nos seus leitores uma reflexão entre o bem e o mal, o belo e o bom, o eu e os outros, remetendo sempre para valores intemporais.

Estamos, portanto, perante a obra de um autor que merece chegar aos leitores, mais e menos jovens, pelo que traz de humor, mas também pelo que traz de amor, seja ao que é mais popular e tradicional, seja pelos valores tão enriquecedores que nela transparecem.

Bibliografia

Livros de João Manuel Ribeiro

- RIBEIRO, João Manuel (2008). *(Im)provérbios*. Vila Nova de Gaia: Trinta por uma linha.
- ____ (2008). *Poemas da bicharada*. Lisboa: Terramar.
- ____ (2008). *Rondel de rimas para meninos e meninas*. Vila Nova de Gaia: Trinta por uma linha.
- ____ (2009). *Alfabeto de adivinhas*. Lisboa: Terramar.
- ____ (2009). *Poemas para brincar*. Porto: Trinta por uma linha.
- ____ (2010). *Algazarra de versos*. Porto: Trinta por uma linha.
- ____ (2010). *Cantilenas loucas, orelhas roucas*. Lisboa: Terramar.
- ____ (2010). *Encrava-línguas*. Porto: Trinta por uma linha.
- ____ (2010). *Soletra a letra*. Porto: Trinta por uma linha.
- ____ (2011). *Reis & reinetes, damas & valetes*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- ____ (2012). *365 adivinhas sem espinhas*. Porto: Tropelias & companhia.

Livros

- BRAGA, Teófilo (1985). *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: D. Quixote.
- COELHO, F. Adolfo (1919). *Jogos e rimas infantis*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- COSTA, Maria José (1992). *Um continente poético esquecido*. Porto: Porto Editora.
- GOMES, Josué Pinharanda (1987). *Dicionário de filosofia portuguesa*. Lisboa: D. Quixote.
- GUERREIRO, M. Viegas (1957). *Adivinhas portuguesas*. Lisboa: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.
- ____ (1982). *Guia de recolha de literatura popular*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- ____ (1983). *Para a história da literatura popular portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- MELO, José Maria de (1950). *Enigmas populares*. Rio de Janeiro: A Noite.
- NOGUEIRA, Carlos (2009). *O essencial sobre o cancioneiro infantil e juvenil de transmissão oral*. Lisboa: INCM.
- NUNES, Maria Arminda Zulmar (1978). *O cancioneiro popular em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.
- ROCHA, Regina (1995). *A enunciação dos provérbios*. São Paulo: Annablume.
- SARMENTO, Clara (2000). *Rimas infantis: a poesia do recreio*. Porto: Edições Afrontamento.
- TOPA, Francisco (1998). *Olhares sobre a literatura infantil. Aquilino, Agustina, conto popular, adivinhas e outras rimas*. Porto: edição do autor.

Artigos publicados em revistas científicas, jornais, revistas, livros, capítulos de livro

- DIONÍSIO, Ângela Paiva (2005). «O que é o que é uma adivinhação?». *Revista da Faced*, n.º 09, pp. 35–54.

- FUNK, Gabriela (1995). «A definição do conceito proverbial». Separata da revista *Insvlana*, pp.75–100.
- GUERREIRO, M. Viegas (1992). «Poesia popular: conceito, a redondilha, a décima; décimas em poetas do Alentejo e do Algarve». In Manuel Viegas Guerreiro (coordenador). *Literatura popular portuguesa — Teoria da literatura oral/tradicional/popular*. Lisboa: Acarte/Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 191–237.
- JOLLES, André (1976). «A adivinha». *Formas simples*. São Paulo: Cultrix, pp. 109–124.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1992). In Manuel Viegas Guerreiro (coordenador). *Literatura popular portuguesa e teoria da literatura oral, tradicional, popular*. Lisboa: Acarte, pp. 269–280.
- NOGUEIRA, Carlos (2004, julho–dezembro). «Para uma teoria da adivinha tradicional portuguesa». *Revista de Literaturas Populares*, IV, n.º 2, pp. 328–339.
- PINTO-CORREIA, J. David (1988). «A literatura popular e as suas marcas na produção literária portuguesa do século XX — uma primeira síntese». In *Revista Lusitana*, Nova Série, n.º 9, pp. 19–45.
- ____ (1992). «Para uma teoria do texto de literatura popular tradicional». In Manuel Viegas Guerreiro (coordenador). *Literatura popular portuguesa — Teoria da literatura oral/tradicional/popular*. Lisboa: Acarte/Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 101–128.
- SANTO, Moisés Espírito (1986). «Diz-me por que provérbios te reges». In Manuel João Gomes (coordenador). *Nova recolha de provérbios portugueses e outros lugares-comuns*. Lisboa: Fernando Ribeiro de Mello/Edições Afrodite.
- SARAIVA, Arnaldo (1975). «As duas literaturas. (A “pobre” e a “rica”». *Literatura Marginal/izada*. Porto: [s.n.] , pp. 103–108.
- ____ (1998). «Enigmática e poética das adivinhas populares portuguesas». *Folclore* 253–A, pp. 1–5.
- ____ (1998). «Os provérbios no Algarve e em Portugal». In José Ruivinho Brazão. *Os provérbios estão vivos no Algarve*. Lisboa: Editorial Notícias, pp. 11–14.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e (1981). «Nótula sobre o conceito de literatura infantil». In Dionísio Guimarães de Sá, *A literatura infantil em Portugal*. Braga: Editorial Franciscana, pp. 9–15.
- TOPA, Francisco (2000). «Literatura oral — pare, escute e use». *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, XVII, pp. 441–450.
- ____ (2002). «A tradição ainda é o que era: a presença do cancionero popular nos álbuns infanto-juvenis». *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, XIX, pp. 545–552.

Artigos publicados em sítios em Web

- LEFFA, V. J. (2004). «Amo a ama mas a ama ama o amo: brincatividades com trava-línguas». *Investigações: Linguística e Teoria Literária*. Recife: v.17, n.º 2, p. 243–253.
- <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/biblio/2008/leitur>

[a/travalingua2.html](#) (consultado em 30 de abril)

LIMA, Sheila Oliveira (2009). «Gêneros orais da infância e as possibilidades de ingresso na língua escrita». *Anais do 17.º Congresso de Leitura do Brasil*.

http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem14/COLE_867.pdf

(consultado em 30 de abril)